

Glenn está conosco

O jornalista que revelou os crimes cometidos por Moro e Dallagnol abandona o Intercept e agrega-se a *CartaCapital*

GLENN GREENWALD CONVERSA COM MINO CARTA

Glenn Greenwald é um trunfo da reforma de *CartaCapital*, que já está em andamento com a introdução da seção Capital S/A, inaugurada dia 10 de março, na edição nº 1147. Glenn é um jornalista excepcional, como esta longa conversa vai provar. Ele detém um Prêmio Pulitzer de jornalismo, fato relevante na história de um profissional, e que, confesso, me causa inveja. Em 2013, Glenn revelou planos secretos da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, os quais, entre outras coisas, previam a gravação das conversas de Angela Merkel, Dilma Rousseff e outras personalidades.

Sua contribuição para a história

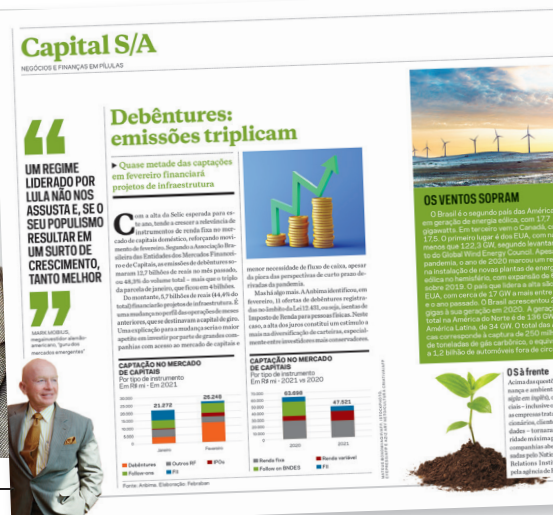
brasileira vai mais longe: quando ainda comandava o *site* Intercept, deu início a uma operação capaz de revelar os bastidores da Lava Jato, as tramoias e os crimes cometidos contra a verdade factual, norte do jornalismo, e o Direito, por quem pretendia acabar com Lula e seu partido. A questão é mais atual do que nunca e as informações garimpadas por Glenn inspiram claramente os fatos destes dias, a mostrar como os crimes atribuídos ao ex-presidente são de verdade de quem bordou em torno dele uma história de pura ficção, a mais falsa e malévola.

Livre dos compromissos determinados pelo comando do Intercept, Glenn junta-se a nós para fortalecer a nossa publicação, levada a uma transformação

sem afastá-la um único, escasso milímetro da linha ideológica seguida até hoje, capaz de precipitar as afinidades que nos unem ao novo companheiro. Assim, *CartaCapital* abre o leque dos seus interesses e promete mais novidades. Por exemplo, a presença de três novos colunistas, figuras centrais a caminho das próximas eleições presidenciais: Flávio Dino, Ciro Gomes e Jaques Wagner.

Glenn é personagem muito elegante, com perfeito domínio da língua portuguesa. Na tarefa bem-sucedida da busca do justo peso de cada palavra.

Ciro Gomes, Jaques Wagner, Flávio Dino: novos colunistas e a nova seção recém-inaugurada

Capital S/A
NEÓTIOS E FINANÇAS EM FOLHA

Debêntures: emissões triplicam
Quase metade das captações em fevereiro financiará projetos de infraestrutura

OS VENTOS SOPRAM
O Brasil é o segundo país em crescimento de energia eólica, com 12,3% de crescimento em 2020. O primeiro lugar é dos EUA, com crescimento de 12,3% em 2020. Segundo levantamento da Global Wind Energy Council, a potência instalada de energia eólica no mundo em 2020 chegou a 717,5 GW, com o Brasil ocupando o 12º lugar. No Brasil, a capacidade instalada de energia eólica em 2020 chegou a 1,2 GW, com o crescimento de 12,3% em 2020.

0,5 frente
Aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, o que pode impactar o mercado financeiro e a economia brasileira.

CAPTAÇÃO NO MERCADO DE CAPITAIS
Por tipo de instrumento

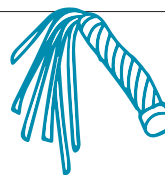
Instrumento	2020	2021
Debêntures	21.219	28.046
Outros	1.111	1.111

CAPTAÇÃO NO MERCADO DE CAPITAIS
Por tipo de instrumento

Instrumento	2020	2021
Debêntures	65.016	47.013
Outros	1.111	1.111



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 30

Meio Ambiente. Carla Zambelli será a capataz de Ricardo Salles no Congresso



PARCERIA COM CARTACAPITAL

É incrível, na realidade. Comecei a morar no Brasil em 2005. Desde então, *CartaCapital* foi uma das únicas publicações que lia toda semana. À época, eu estava formando a minha perspectiva sobre jornalismo e acho sempre melhor quando os jornalistas são honestos sobre seus pontos de vista, suas opiniões políticas, ideologias. Não somos computadores, não somos objetivos de uma forma que nos permita fugir de nossa subjetividade. Para mim, o melhor jornalista sempre afirma: “Primeiramente, aqui é nossa perspectiva, nossa ideologia, mas, segundo, vamos fazer reportagem e análises complexas, profundas e independentes. Vamos relatar os fatos que às vezes não vão agradar. Só assim a gente pode construir mais confiança. Para mim, isso é a *CartaCapital*. Aprendi muitas coisas sobre a Lava Jato lendo a revista, inclusive quando trabalhava nos arquivos da Vaza Jato. É um sonho agora trabalhar com essa revista pela qual tenho tanto respeito.

BOLSONARO, TRUMP E 2022

A mídia, principalmente no exterior, costumava chamar Bolsonaro de “Trump do Brasil”. Nunca achei muito correta essa comparação. Há diferenças bem importantes entre os Estados Unidos e o Brasil. As instituições nos EUA são muito mais fortes para resistir a qualquer tentativa de mudar a estrutura do poder, aqui elas são mais frágeis, até pela juventude da democracia, além de outras diferenças. Dito isso, há também semelhanças, pois Bolsonaro sempre tentou copiar Trump, no discurso e no movimento político. O que aconteceu no ano passado nos Estados Unidos é importante. Trump perdeu,

JIMMY CHALK, WANEZA SOARES,
EVARISTO SÁ/AFPE E CADA GOMES/PCDOB



Seu País

Dallagnol e Moro, agentes da conspiração debaixo do STF conivente

mas quase ganhou, apesar do péssimo trabalho na crise da Covid-19 e do fracasso da economia. Uma grande parte da população dos EUA acredita que as elites, a mídia e as instituições políticas são podres. Eles não confiam nelas, simplesmente as ignoram. O Bolsonaro fracassa no combate à pandemia, mas há muito trabalho para mostrar à população o que ele tem feito com este país. Não é fácil. Há uma perda de confiança no jornalismo. Nossa tarefa é reconstruir essa confiança. É o principal desafio dos jornalistas diante deste governo.

OS DESDOBRAMENTOS DA VAZA JATO

Tenho muitos grandes amigos na esquerda, por causa da atuação política do meu marido, e eles falavam: “Olha, a Operação Lava Jato é uma fraude, é uma conspiração para destruir o PT”. Naquela época, conseguia enxergar várias coisas que Sergio Moro e a força-tarefa faziam de errado, de corrupção, mas acreditava que havia uma parte boa. Bilionários eram condenados, políticos corruptos. Não se vê isso nos EUA. Lá os bilionários não sofrem punição por seus crimes. Quando comecei, porém, a ler as mensagens da Vaza Jato, ficou evidente como a corrupção da força-tarefa e do juiz Sergio Moro era profunda. Não eram casos isolados. Eu me sentia, na realidade, quase traído, como alguém que queria acreditar no processo. Lembro muito bem da primeira vez que li as conversas entre Deltan Dallagnol e Moro, planejando e conspirando quase todos os dias. A primeira perspectiva, como advogado norte-americano, é que nos Estados Unidos é completamente proibido algo





desse tipo. É impensável que um juiz fale, mesmo coisas triviais, com um lado sem a presença do outro. Ele seria retirado do processo na hora, se fosse descoberto. Não acreditava que a corrupção da Lava Jato fosse tão grave. Tive de pedir desculpas aos meus amigos de esquerda, pois a realidade era muito mais grave do que eles diziam. Também sou muito grato à fonte, ao Walter Delgatti, que considero um verdadeiro herói. Ele se sacrificou e, por causa dele, o mundo vê a verdade sobre esse marginal Sergio Moro. Ele é corrupto, criminoso, como o Dallagnol. Não estou aqui para falar que o Lula é inocente. Concordo com ele, que sempre diz: “Ninguém deveria estar falando que eu sou inocente até eu ter o processo justo para examinar a evidência, mas é só isso que estou pedindo, não ser protegido, só ter um processo justo”. Dizer que Lula é corrupto, agora todo mundo sabe, é algo sem embasamento. Estou muito grato que o jornalismo conseguiu mostrar a verdade, para mim este é o papel do jornalismo na sociedade.

O AMÉM DO STF

Às vezes se tem uma definição bem limitada de corrupção, como se fosse apenas o fato de um político receber propina. Há outras formas. Tem corrupção no Ministério Público, no Judiciário, no STF. O próprio Supremo começou a admitir que cometeu erros muito graves ao permitir a Moro que fizesse o que quisesse. O ministro Edson Fachin passou quatro anos a apoiar e a aplaudir a operação, e agora percebeu que o juiz não estava autorizado a julgar os processos de Lula... Bem, antes tarde do que nunca.

A mídia nativa esbaldou-se
para transformar
o criminoso Moro em herói

“Dizer que Lula é corrupto, todos agora sabem, é acusação sem base”

O CONLUÍO MÍDIA-LAVA JATO

Muitas instituições brasileiras precisavam fazer uma autocrítica, a começar pela mídia. Sem o apoio da Globo, principalmente, mas também da *Veja*, da *Folha de S. Paulo*, o herói Sergio Moro, a imagem falsa do Sergio Moro, nunca teria se firmado. Na Vaza Jato firmamos parcerias com a *Veja* e a *Folha* e eles admitiram que erraram. Até agora a Rede Globo não admitiu. Talvez espere passar 30 anos para pedir desculpas, como fizeram no caso do apoio à

ditadura. É preciso lembrar: no meio disso tudo estava a mídia brasileira.

A SAÍDA DE THE INTERCEPT

The Intercept foi um novo meio de comunicação que fundei, juntamente com dois jornalistas incríveis que são grandes amigos meus. Em 2003, quando estava no meio da reportagem do Edward Snowden, começamos e encontramos um bilionário, o fundador do eBay, Pierre Omidyar, e ele disse: “Acredito que o jornalismo que vocês estão fazendo é muito importante para a sociedade, e também acho que é muito importante defender a liberdade da imprensa”. Naquela época, eu era ameaçado pelos governos dos EUA e do Reino Unido. Os britânicos prenderam o meu parceiro de reportagem. E eu, quando voltei ao Rio de Janeiro, descobri que estava sendo processado por terrorismo. Éramos perseguidos e



ele afirmou: “Acho importante criar um novo meio de comunicação para defender a liberdade de imprensa”. E ele prometeu nunca interferir no jornalismo. No meu contrato tinha um parágrafo impedindo censura, controle ou edição de qualquer coisa que eu quisesse publicar. De fato, ele manteve o compromisso. Nunca interferiu, mesmo quando eu publicava coisas das quais ele discordava. O problema foram os novos editores. Eles queriam a derrota do Trump. Tudo bem. Mas não tinham direito de interferir. A primeira vez que fizeram isso foi duas semanas antes das eleições, quando eu queria publicar um artigo sobre as evidências de corrupção da família de Joe Biden. O filho dele vendia influência em vários países, inclusive na China, Rússia e Ucrânia. Queria discutir essa evidência, mostrar onde ela era fraca, onde era forte, quais questões eram válidas etc. Eles disseram mais ou menos que não iam publicar o artigo e infringiram o meu contrato. Antes, porém, eu estava perdendo a confiança em The Intercept, porque ele estava se tornando bem diferente da nossa visão.

“Saí do Intercept quando os novos editores **pretendiam apoiar Trump** e passaram a interferir no meu trabalho”

Mas a minha saída se deu quando disseram que não publicariam meu artigo sem mudanças grandes, o que eu não estava disposto a fazer. Ainda assim, disse: “Se querem rejeitar o meu artigo, tudo bem, é um direito, mas vou publicar em outro jornal”. Aí eles disseram: “Não, também não”. Então, eles estavam tentando me silenciar e isso é inaceitável.

SNOWDEN E A NSA

Foi bem parecido com o que aconteceu no caso da Vaza Jato. Eu me lembro quando a Manuela D’Ávila me ligou, no Dia das Mães, em 2019, um 11 de maio, me relatando a conversa com

a fonte e o conteúdo. Eu falei com David e ele disse: “Ah, por favor, porque é sempre você que precisa receber esses arquivos perigosos? Não tem outro jornalista que poderia fazer isso?” No caso do Snowden, aconteceu em dezembro de 2012. Recebi o e-mail de alguém que não se identificou, falando que trabalhava no governo norte-americano, na NSA, e que tinha muita informação sobre coisas graves que os EUA faziam com a internet, com a privacidade e com a tecnologia, em parceria com o Canadá, a Nova Zelândia e o Reino Unido. Mas ele disse: “Antes de passar essa evidência, você tem de viajar para Hong Kong, para a China, onde estou”. Foi uma confusão muito grande, pois eu não conseguia entender. Por que alguém que está falando que trabalha na NSA estava em Hong Kong? Não fazia sentido. Eu disse: “Olha, viajar para Hong Kong é uma coisa grande, é do outro lado do mundo, 20 horas de avião. Antes de fazer isso, eu quero ver um pouco, ter uma evidência de que você é uma fonte genuína. Não precisa ser tudo, mas tem de mostrar alguma coisa para eu confiar”. Ele disse tudo bem. Construímos um sistema bem criptografado, bem protegido, e ele me mandou 20 documentos do NSA, *top secret*, o maior grau de segredo nos Estados Unidos. E acrescentou: “É uma porção muito pequena de tudo que eu tenho”. Recebi esses documentos e quase cai no chão, eram explosivos. Um deles mostrava um projeto que o governo dos EUA tinha com grandes empresas do Vale do Silício – Facebook, Google, Yahoo, Microsoft – para receber os dados de usuários da internet. Isso foi só um dos documentos. Nunca tinha havido um vazamento da NSA na história dos Estados Unidos, era o maior segredo dos EUA. •

Walter Delgatti,
o hacker providencial

